

O LUZITANO

DEFENSOR DOS INTERESSES DO ALGARVE

Numero avulso 1\$00

Composto e impresso na
Minerva Comercial, Limitada—Evora

DIRECTOR
CRUZ AZEVEDO
ADMINISTRADOR
JOSÉ FRANCES

EDITOR
ARMANDO DO CARMO
Redacção e Administração
Largo da Conceição (ao Lethes)

EM HOMENAGEM

8 de Março é a mais gloriosa data da nossa provincia!

Os algarvios não poderão nunca esquecer-la. E sendo assim, veem prestar sentida homenagem á memoria de João de Deus, o mais ilustre dos seus comprovincianos, honra e merito de uma nacionalidade, gloria sacrosanta de uma raça!

Camões, encarnou em si o genio épico da Pátria. João de Deus todo o lirismo da alma portuguesa. São dois genios que se irmanam e que se completam. Se o primeiro cantou em estrofes imorredoiras os feitos heroicos do nosso povo, João de Deus, mais enamorado das belezas deste abençoado rincão, cantou em versos sublimes a tradicional melancolia da nossa alma de sonhadores e de poetas.

Na Lira de João de Deus perpassa toda a magia dos campos algarvios, toda a poesia que emana dos nossos verdejantes arvoredos. Ele é bem o nosso Camões! Já dezenas de anos antes, Junot, apesar do seu espirito pouco esclarecido de soldado, mas com aquella acuidade de todos os franceses, dissera:

“Et les provinces d’Algarvès... auront peut-être un jour leur Camoens...”



João de Deus

Gloria a _____

JOÃO DE DEUS

8—Março—1830

8—Março—1924.

JOÃO DE DEUS



Manuel Teixeira Gomes

Ilustre Presidente da Republica — Grande amigo de João de Deus e distinctissimo escritor algarvio

Chegado ao portal de «Madonna di S. Luca» quando, já sol posto, a paisagem se embebera em sombras e apenas persistia em fundo luminoso para as formas deliciosas que se me agitavam na fantasia, no momento supremo de quietude,

de alheamento, que resumia essa tarde inolvidavel, a lembrança do poeta, como sempre nos mais prestigiosos instantes da minha existencia, veio completar o encanto, consagra-lo. Mas não era nem por florentes rapsodias da sua

lirica, nem pelas sinteses por onde a sua intelligencia me explicara a vida, nem pela harmonia da sua resplandecente figura astral que me tocava, agora, a caricia da sua lembrança. Familiar, simplificado, o poeta aparecia-me sem nenhum arranjo na attitude, mas ingenuo e tal como tantas vezes o surpreendera durante os anos de intimidade que levara debruçado para a sua vida, vendo-a correr tão pura, tão cristalina, como nasce e corre a fonte na montanha!

Socorrera-me sempre da sua memoria para ganhar mais luz, para que me não afogasse a sensação que esmaga, como quando me abeirei dos sonhos fantasmaticos que o *Rembrandt* reproduziu em quadros, ou quando, angustiado, atonico, ouvi os soluços de *Miguel Angelo* — que lhe ensanguentam os marmores brancos — ou junto dessa temerosa mascara de *Dante*, causa de um calafrio inedito que jamais se repete...

Em «Madonna di S. Luca» — só a Italia transfigura assim o homem — era eu que sentindo-me longe, infinitamente, de toda a prisão grosseira, volvia, das esferas superiores a minha curiosidade de semideus para a terra miseravel e pasmava de encontrar tão grande a figura do poeta, mas a sua forma material, a plastica transitoria, e dizia ás imagens fluctuantes minhas companheiras, que lhe atendessem bemna meiguice do olhar contemplativo, que lhe escutassem o timbre da voz tam doce, que estudassem o ritmo dos seus movimentos onde florescia as suas mãos de artista. Foi o meu ultimo adeus ao homem, ao envolvero mortal, á forma encantadora

que ninguem fixou, que ninguem cantou e que eu tivera ainda a ventura de conhecer pujante. Depois, como no fresco do *Lorenzo Costa*, as cores esmaeceram,

desfizeram-se os contornos e apenas ficou, para sempre, o poeta no fulgor dos seus versos.

Mas o homem merecia que o *Vinci* o retratasse!

Os seus versos são o mais puro manancial de doçura, a mais penetrante e exquisita subjectivação do amor que se conhece: ali, mau grado a extensa ladinha a Margaridas e Marias, não ha *mulheres mas a mulher*. Em balde se procura compara-lo com outros poetas: os seus versos não acusam influencia de nenhum, influencia directa, mas parentesco quando, á semelhança de todos os *grandes artistas*, nos levanta mundos



Interior da igreja paroquial de Messines onde o Poeta foi batizado

de sensação na poeira de dois versos que diz, ás vezes, conforme as tristezas que, então, nos anuviam a alma. Versos consoladores, versos redentores, com o reclame de imagens de um simbolismo infinito, nunca alcançado.

M. Teixeira Gomes.

João de Deus, este nome evocativo, transporta-nos ás longinhas terras de Galileia, onde o Divino Mestre preconizava o amor ás creancinhas; ele tambem as amou. Escreveu para elas a «Cartilha Maternal».

Lyster Franco.

A «Cartilha Maternal», não passa do complemento da obra poetica de João de Deus, de mais uma sublime estrofe da sua inspiração príveligiada

Mario Lyster Franco.

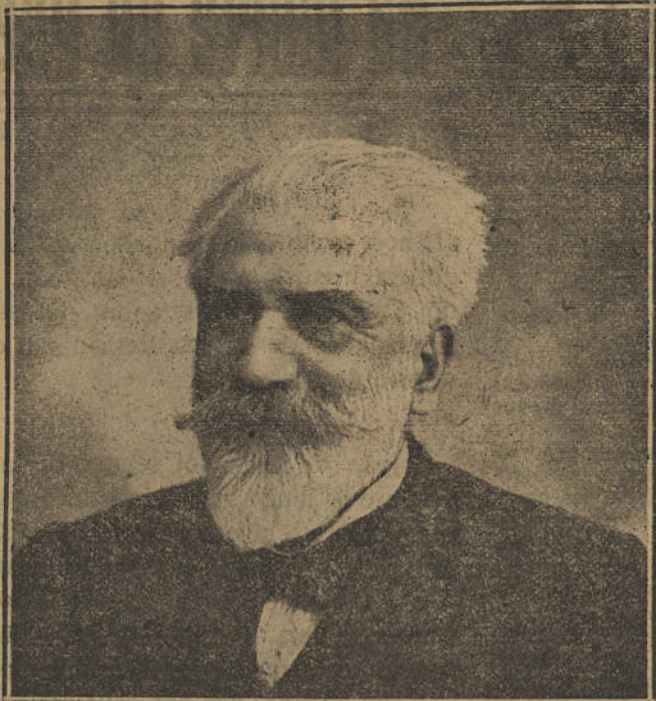
Não seria preciso mais do que firmar a poesia «A vida» para conquistar uma reputação. Nunca poeta algum português pulsou a lira com mais suavidade e encanto!

Cordes d'Avelar.



Vista Geral de São Bartolomeu de Messines, terra natal do Poeta

Do vitalismo na Arte



Dr. Coelho de Carvalho

Algarvio illustre, antigo Presidente da Academia da Sciencias e Retor da Universidade de Coimbra — Poeta, dramaturgo e humanista dos mais distintos da Peninsula

... o verso, para ser verso, tem de ser um pensamento synthetico, e, vindo duma vibrante comoção, ha-de impor-se e moder os espiritos pela intensidade da sua força comovente.; mas se se quebrar, ou perverter pela alteração do seu ritmo natural, scindir-se-ha em expressão anilitica de argumento, e, perdendo a unidade, perde necessariamente a acção que era destinado a produzir; falseando-se-lhe a sua origem psiquica, deixa de ser poesia para ser, quando muito, prosa melodica, mas sempre de essencia didactica, por analitica.

A distincção entre poesia e prosa está na maneira como as ideias se produzem e se agrupam no cerebro para formar o pensamento, ou conceito; se por correspondencia simultanea, determinando a visão e a imagem correspondente, momentaneamente, em uma forte comoção das celulas cerebraes; se por sobreposições sucessivas, originando a relatividade das imagens correspondentes, e vindo o pensamento geral a produzir-se por inducção.

No primeiro caso temos a *poesia*, de que o verso ha-de ser a expressão natural e precisa; no segundo, teremos a *prosa*.

E' por isto que não é poeta quem quer, é necessario ser dotado de predisposição propria; é preciso que os nervos e cerebro do individuo tenham condições naturaes de vibratibilidade especial.

Do mesmo modo não é pro-sador quem quer, é preciso que a sobreposição das ideias se faça em convergencia e divergencia proporcional, e, por isso, necessario se torna que os nervos e as celulas cerebraes do individuo vibrem, para a produção de cada ideia e correspondente imagem, em acordes proporcioneaes á intensidade da comoção que as originou.

Coelho de Carvalho.

A JOÃO DE DEUS

*Todos roxos, os melros, ao luar,
No frouxel d'oiro dos pequenos berços
Dão aos filhos lição. E' singular!
Antes de os ensinarem a voar,
Ensinam-lhe os teus versos...*

Júlio Dantas.



Dr. Julio Dantas

Consagrado poligrafo algarvio, antigo ministro e actual Presidente da Academia das Sciencias

A Cartilha Maternal é o estudo mais perfeito da lingua portuguesa. Têm-se tentado tradações que não correspondem ao original. Só Elle as poderia fazer.

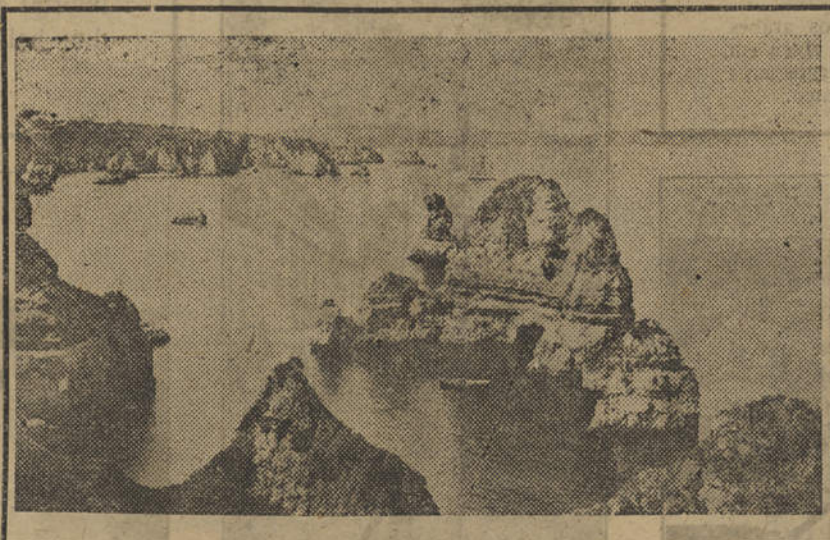
Poeta foi inimitavel.

De toda a sua obra de simplicidade e amor ao seu paiz, poderia dizer como Horacio:

“Ne credas interitura verba quae loquor”.

A sua obra atravessará os seculos.

Ferreira Netto.



Vista da Costa de Lagos

JOÃO DE DEUS

Ao dizer este nome, a gente reza
Uma oração aurorisante e mansa,
Uma prece de cêrula beleza...
Ele é nos lábios uma estrela acesa,
Doirando as almas de Saude e Esp'rança!

Como um canto que em écos se reparte,
Florindo maguas, e florindo o mundo,
Assim vibra este nome em toda a parte...
Ele enche a vida de Misterio e Arte.
E d'um sabor angélico e profundo!

Campo de Flores

Seus versos são tão doces que parecem
Feitos de brandas penas melindrosas,
De frouxel com que os ninhos se entre-
tecem

—São um berço onde as almas adormecem
E sonham, sobre pétalas de rosas...

Bernardo de Passos.

JOÃO DE DEUS

Na morte do Poeta



Pedro Mascarenhas Judice

O paciente e dedicado investigador da velha Silves

Pedem-me para escrever duas linhas para um numero especial de homenagem a João de Deus.

Tanto se tem escrito acerca da complexa personalidade deste poeta, que hoje é difficil falar dele sem repisar o que está dito e redito; mas como filho de de Silves, onde João de Deus passou longos anos da sua acidentada vida, talvez possa dar ainda qualquer informação inedita colhida de pessoas que nesta cidade foram testemunhas de alguns interessantes episodios ou retificar erradas informações.

É uma grande banalidade dizer-se que João de Deus nasceu na aldeia de S. Bartolomeu de Messines, do concelho de Silves; mas negar-se que o poeta nasceu na casa proxima da igreja matriz, em cuja fachada está a lápide comemorativa, deixa de ser banalidade, e é talvez novidade para muitos. No historico ano academico das festas ao poeta apresentaram a referida casa, como tendo sido aquela, onde João de Deus nasceu. A Enciclopedia Portuguesa Illustrada a pag. 760 do volume III, caiu no mesmo erro. Isto, que foi dito e repetido com acompanhamento de gravuras *aluciativas*, não é verdade.

Segundo os melhores informes, o poeta nasceu numa mais bem modesta casa que fica a noroeste da já referida. É uma modestissima casa terrea de tipo rural, de duas janelas e uma porta ao meio, com dois poiais de alvenaria. Para ser colocada nesta casa fez-se em tempo uma outra lápide; mas como o canteiro tivesse cometido um erro ortografico na inscrição, foi adiada *sine die* a colocação desta pedra. Vi esta lápide em S. Bartolomeu de Messines, em casa do falecido João Gregorio de Figueiredo Mascarenhas. A inscrição foi redigida pelo tambem já falecido dr. Diogo João Mascarenhas Marreiros Neto.

Como o seu confrade do tempo dos arabes Ibn-Ammar, que ha mais de um milenio viveu em Silves, na mesma cidade tambem passou largos anos da sua existencia o nosso poeta contemporaneo.

Hospedava-se meses seguidos em casa do seu intimo amigo José Antonio Garcia Blanco, individuo finamente educado, falecido ha anos, profundo conhecedor de violino, distinto artista e amigo de artistas. Aqui bebeu ele larga inspiração para confeccionar algumas das suas melhores poesias. Em casa de Garcia Blanco reuniam-se entre outros João de Deus, Militão, Lacerda, Domingos Vieira, o dr. José dos Santos Duarte Pimenta e algumas pessoas da familia deste, onde havia musicos distintos. Havia então em Silves uma vida muito mais espiritual do que hoje, e de melhor convivencia.

Domingos Vieira era nesse tempo o proprietario da pitoresca quinta de Mata-Mouros, nos arredores de Silves; certo dia este tendo-se ausentado da sua quinta para vir a Silves, confiou a guarda do escritorio a João de Deus. Um pobre tinha por costume aparecer quasi diariamente a pedir esmola: João de Deus, apontando-lhe uma alcofa cheia de cobre que estava no escritorio, disse-lhe: «Para não voltar mais aqui, leve dessa alcofa o que quizer.» O pobre ao começo ficou prelexo, mas ante a insistencia dicitu-se, enchendo de cobre todas as algibeiras do seu esfarrapado fato. Domingos Vieira ao regressar, logo deu pela falta, perguntando a João de Deus o que era feito do dinheiro que estava dentro da alcofa, ao que ele muito naturalmente respondeu que, tendo aparecido um pobre a pedir esmola, ele o tinha outorisado a que levasse o que quizesse. Para o poeta, que levava a sua generosidade a ponto de dar aos pobres parte da sua pouca roupa que tanta falta lhe fazia, era banal dar a um pobre alguns cobses que nenhuma falta faziam ao seu proprietario que nesse tempo era pessoa abastada.

Como geralmente é sabido, o poeta nasceu a 8 de Março, dia de S. João de Deus, o que fez com que seu pai, Pedro José Ramos, dissesse do recém-nascido: «Este ha-de ser santo!» Efectivamente saiu-nos um santo sem imagens e sem altares, mas com autentico culto, e outra coisa não é esta consagração popular iniciada em sua vida, e que ele admiravelmente define naquela poesia que assim começa: «Estes louvores, este culto...»

Aqui ficam estas ligeiras palavras á guisa de contribuição para a homenagem que hoje se presta ao saudoso poeta popular, escrita em linguagem simples, como em moldes simples se vasava a inspiração do genial poeta, o que deve ser de grande confusão para aqueles que só veem merecimento literario na adjectivação bombastica e retumbante.

Pedro M. Judice.

João de Deus, o nosso Grande lirico, foi grande exactamente por poder banir dos seus poematos tudo o que ao espirito podesse tornar-se obscuro e ininteligivel.

Rodrigues Davim.

— LOULÉ —



= Praça da Republica =

Naquela tarde cinsenta em que chegou até nós, como uma plangencia de Chopin, a noticia infausta da morte do poeta excelso do *Campo de Flores*, sobre nossas almas angustiadas de bruma desceu um expesso velario de tristeza.

João de Deus foi sempre de uma modestia e de uma simplicidade incomparaveis. Era insfintivo nele o desprezo pela ostentação e pelo pedantismo. Naturalmente simples e humilde, o seu espirito feito de luz lembrava uma flor rara desabrochando no pantano do *struggle-for-life* contemporaneo.

Em Lisboa, um dos seus maiores amigos, talvez o mais intimo, era o porteiro do Jardim da Estrela, bela e poetica figura de velho, com quem o Poeta, que morava proximo, entretinha longas horas de conversação.

Que icomparaveis prática se trocariam entre aquelas duas almas simples, ingenuas, candidas, aureoladas de bondade!...

O enterro de João de Deus revestiu extraordinaria imponencia a que dava profundo cunho de magestade o negrejar das capas dos estudantes que havia meses, por iniciativa de Alfredo Serrano, lhe tinham prestado a grandiosa apoteose que foi a sua consagração em vida.

O prestito saiu da Igreja da Estrela, solene, vagaroso, ao som dolente de uma marcha funebre adrede composta por Ilidio Amado. Havia rostos compungidos entre a multidão, vincadas expressões doridas. Chorava a Patria uma perda irreparavel.

Ao fundo, junto, ás velhas arvores que tantas vezes os abrigara e onde o Poeta em tantos momentos escutará o grogear das aves, perto do marmore do portão, lá estava tambem chorando o seu grande, o seu imortal amigo, o humilde porteiro do jardim, bela e poetica figura de velho!

Lyster-Franco.



= Vista Geral =



= Largo da Liberdade =

JOÃO DE DEUS JOÃO DE DEUS



ASSIS ESPERANÇA

O poderoso romancista algarvio da VERTIGEM e do VIVER! e dramaturgo de um acentuado cunho regional.

O século XIX, fechou com o reconhecimento por parte da sciencia, do predomínio da colectividade sobre o individuo. D'accordo, filosofos o disseram e escritores, Zola por exemplo, o proclamaram em paginas rebeldes. E cada vez mais, esta verdade se alevanta. Hoje se por qualquer circunstancia as multidões se deixam arrastar p'lo entusiasmo colectivo, ve-las-heis reconsiderar apoz o acesso e sentindo-se ludibriadas, apcar quem alto collocaram, crivando-o de ridiculos ou fazendo-lhe da posteridade pelourinho de ignominia. Muito principalmente em Portugal, onde a ignorancia faz ver um Messias em qualquer espertalhão, retine constantemente aos nossos ouvidos, em ecos de naufragio, o alarido especial da quebra dos idolos.

Mais do que inconsciencia de ingratos, o fenonemo deve ser considerado como consequencia natural de quem balofo d'ideias, quiz conquistar alturas, europeis para encobrir farrapos. Ha também aqueles que lançados em batalhas, de transigencia em transigencia se fazem comediantes das suas proprias sinceridades. E como do contacto com a vida, resultem sempre alterações de propositos, rapidamente descem á depreciação do seu ideal. As primeiras transigencias, outras fazem nascer, como dum fenomeno outro fenomeno nasce. Mas a multidão não admira quem transige. A primeira transigencia mostra a mancha dum ponto vulneravel.

Assim na Arte. Para que as multidões sigam os seus artistas-eleitos, é necessaria uma obra de sinceridade, tão alto erguida que fique para todo-o-sempre animada p'la fé creadora duma consciencia forte; são necessários de isenção de vaidade, de orgulho feroz, abdicação total de interesses proprios. E' necessario que o artista caminhe sempre mais alem, missionario dado á febre das conquistas, mas-trabalhando, como agente impessoal.

Por isso, a obra de João de Deus, ganha cada vez mais vulto, unida á

sua vida sempre feita de quem só viveu a personalidade, enojando-lhe traficancias, sem preocupações de recompensa pronta. Como poeta, poderá a sua obra ser beliscada por aqueles que não olhando a epocas e sem conhecerem do artista preocupações e instintos, a analizarem através seu ultramontanismo. Mas o que ninguem poderá destruir é a aureola de grandeza moral de que soube nimbar-se. Tanto basta para que continue merecendo incondicional admiração. Foi tam grande que a sua memoria não só resiste ao tempo, como se avoluma fazendo tocar cimos de percursor.

ASSIS ESPERANÇA.



Sagres e Messines são dois simbolos, um do passado, recordando-nos esses argonautas que por mares nunca dantes navegados firmaram o nosso poderio por entre mundos desconhecidos; outro do futuro, radiante de luz, porque todos os que não sabem ler são desgraçados cegos.

F. X. DE ATAIDE OLIVEIRA.



MESSINES — CASA ONDE VIVEU JOÃO DE DEUS

Notas bibliograficas

A bibliografia de João de Deus, comquanto não se nos apresente extraordinariamente numerosa, não é de muito facil enumeração, dado o espirito naturalmente dispersivo e despreocupado do poeta.

Contudo, pelo particular interesse que taes estudos nos dispertam, temos conseguido tomar nota de alguns inrressantes numeros, que passamos a enumerar.

A *Lata*, poemeto, Folha volante. Coimbra, 1860. *Flores do Campo*, poesias publicadas pelo seu amigo José Antonio Garcia Blanco. Lisboa, 1868. (Tem 2.^a edição, Porto 1876). *Pires de Marmelada*, improviso academico. Lisboa 1869. *Ramo de Flores*, acompanhado de varias criticas das Flores do Campo. (As criticas são firmadas por Alexandre da Conceição, Lucia no Cordeiro, D. Guiomar D. Torrezão e Candido de Figueiredo) Porto, 1859. *Amemos o nos-*



MARIO LYSYTER-FRANCO

Interessante e moderno espirito de escritor e jornalista que a esta homenagem prestou todo o brifho da sua intelligencia.

so proximo, parobola n'um acto, de Mery, trad. Porto, 1869. *Ser apresentado*, idem, idem. *Ensaio de casamento*, idem, idem. *A viuva inconsolavel*, com. em 4 acots, idem, idem. *Horacio e Lydia*, comedia num acto em verso de F. Ponsard, trad. acompanhada do original francez. Lisboa 1871. *Folhas Soltas*. Porto 1876. *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, Porto, 1876. (Tem hoje numerosas edições). *Deveres dos filhos para com os paes*, Lisboa, 1876. (Tem hoje numerosas edições). *Primeiras leituras*, publicadas pelo dr. Antonio Burguete, Lisboa, 1877. *Leituras correntes e selecta classica*, Lisboa, 1877. *Dicionario prosodico de Portugal e Brazil*, Lisboa, 1877. (Tem mais edições feitas no Porto). *Ana, Mãe de Maria*, por Derboy, trad. Lisboa, 1878 (?). *Loas á Virgem*, (folheto), Lisboa, 1878. *Virgem Maria*, por Derboy, trad. Lisboa, 1878. (Tem 2.^a Edição). *A Cartilha Maternal e o apostolado*, Lisboa, 1881. *Despedidas de verão*, versos coligidos por Joaquim de Araujo e prefaciados por Teofilo Braga, Lisboa 1881. (Apenas se imprimiu um terço do volume). *Proverbios de Salomão*, Porto, 1885. *Os Lusíadas e a conversação preambular*, Carta a Avelino de Sousa, Lisboa, 1886. *Campo de Flores*, Poesias liricas completas coordenadas sob as vistas do autor por Teofilo Braga, Lisboa, 1894. (Tem varias edições). *Poesias*, Com uma carta em verso de Eugenio de Castro, Coimbra, 1896. *Prosas*, coordenadas por Teofilo Braga, Lisboa, 1898. *Grinalda de Maria*, prosa do Padre Vieira, versos de João de Deus. *Cryptinas*, Folha avulsa gratuita. (Continua)

Mário Lyster-Franco.

João de Deus

(EXCERPTO)



Dr. Rodrigues Davim

Excelso cantor das glórias da Patria, do Bem, do Amôr
e da Virtude, falecido em 1923

.....
Aos que a sorte amarrou ao tronco da Ignorancia
encheu de claridade a alma adormecida,
abrindo em cada escola um templo aonde a Infancia
aprendeu a cantar o poema da Vida.

Foi como um grande Sol para quantos se abria
o inferno, a cada passo, em treva sempre imersos,
enchendo o lar de luz, e as almas de harmonia
da musica divina e doce dos seus versos.

A quem tanto ensinou o amor p'la vida fora
e mitigou, cantando, inconsolaveis dores
vem, pois, agradecida a Mocidade, agora,
desfolhar-lhe na campa as mais viçosas flores.

E ha-de a Patria, decerto, ardendo de saudade
o seu nome na Historia a oiro e luz gravar.
Ergamos tambem nós ao Poeta da Bondade
dentro de cada peito um luminoso altar...

RODRIGUES DAVIM.

João de Deus

Eu não sei quando João de Deus foi mais poeta e mais sublime,
se quando dedilhou na sua lira, se quando escreveu a sua cartilha.
Alem o poeta, entrando nas esferas superiores e luminosas da poesia,
foi afinar seus cantos pelos cadenciados movimentos produzidos
pelas estrelas; mas aqui João de Deus entrou no divino alcaçar e foi
receber do seio do Grande Martir a interpretação verdadeira d'aquelas
angelicas palavras — *sinite parvulos venire ad me*.

Para mim João de Deus é poeta tam mimoso, como apostolo
adoravel, e creio firmemente que os grandes affectos da sua alma
giram sobre duas grandes potencias: a poesia e o apostolado. Como
poeta ele cantou em deliciosas harmonias, como nenhum poeta lirico
da Europa, as aves e as flores, as grandes virtudes e os sentimentos
nobilissimos; como apostolo compreendeu prefeitamente a missão
do evangelho e encarregou-se da melhor parte, ensinando ás creancinhas.
Se o poeta, entrando nas esferas superiores da poesia, se
librou em azas d'ouro, e foi afinar seus cantos nos perfumes do incenso
evolado dos altares, no aroma das flores dos nossos jardins e
no cadenciado decurso das estrelas, escrevendo a sua cartilha ele
subiu mais alto, e, como o anjo de Pathmos, penetrou nos umbraes
de safira e foi perante o trono luminoso aprender do Infinito o seu
sistema de ensino.



Dr. Ataide de Oliveira

O eradito escritor e profundo floklorista algarvio,
já falecido.

O Meu Algarve

(EXCERPTO)

Provincia onde nasci, amada do luar
E do sol ruidoso, ardente, imorredoiro...
Lirio fresco e azul deitado á beira mar,
Com o calix gentil a orvalhar-se em oiro...

Nesse canto immortal de todo o Universo,
De florestas, de soes, mares e cordilheiras,
Tu és, unicamente, um perfumado verso,
Feito em luar dormente, azul e laranjeiras.

Lindo verso, porem, dessa lira suprema,
Com hinos triunfaes, aureoreaes, fecundos,
Que abrange a Vida toda e faz o seu poema,
Rimando montes, ceus, oceanos e mundos.

Tens o rir jovial e a bonhomia calma,
O dulcissimo aspecto ingenuo das creanças;
O sol doira-te o corpo; a fantasia a alma;
Fala-te o ceu de amor; fala-te o mar d'esperanças.

JOÃO LÚCIO.



DR. JOÃO LÚCIO
O falecido poeta e orador algarvio. Inspirado cantor das belezas de O nosso... Algarve

JOÃO DE DEUS

(EXCERPTOS)

O fundo, o pensamento capital das poesias de João de Deus, é o amor.

O eminente filologo e distinto poeta italiano Marco Antonio Canini, na sua esplendida antologia amorosa universal, antiga e moderna, ha pouco publicada em Veneza, com o titulo *Libro dell'Amore*, diz do nosso grande lirico o seguinte: «lo considero come il primo poeta d'amore non solo del Portugallo, ma di tutta l'Europa, Geovanni de Deus, ch'è affectuoso, tenero, originale.»

Este sentimento do amor, já tão gasto, tão piegas, tão desacreditado, tem nas *Folhas caídas*, de Garrett, o realce sublime da verdade da natureza, porque se alenta nessas estrofes com

o ardor duma sensualidade tardia que devora o poeta.

Quasi a tocar a velhice ele iguala Tibullo e Propercio devorados na juventude pela paixão lasciva de Delia e de Cynthia.

Em João de Deus, o amor é uma emoção ideal como a sentia Dyotima, no *Banquete* de Platão; é a aspiração vaga da sua alma, a chama latente, como o segredo dos trovadores provençaes; é, enfim, uma passividade mística, como a exprimiram S. João da Cruz, Santa Tereza de Jesus e Frei Luiz de Leon, os grandes liricos do amor divino.

Quando lemos os versos de João de Deus, sentimos as resonancias da grande poesia mística do século XVI: o poeta mesmo, ao traduzir o *Cantico dos Canticos*, em forma de redondilha, dá a expressão humana aos amores de Sulamite, como tambem os comprehendia o místico *Cysne de Granada*.

Ele concentra em si muitas correntes tradicionais que pareciam extintas; a redondilha amorosa de Cristovam Falcão e de Bernardim Ribeiro, é modulada pelo nosso grande lirico, como se estivesse no mesmo estado moral dum *Binnarder* ou *Crisfal*.

E a fusão de todas estas correntes, e o encanto que elas produzem nos seus versos, tiram todo o seu valor da falta de pretensões literarias de João de Deus.

Os seus versos compostos mentalmente quando deitado, ou enquanto passeava pelo seu quarto, cujas paredes ao mesmo tempo ia enchendo de esboços a lapis, são, na maior parte, escritos pelos amigos e por eles levados para os jornaes.

O poeta mesmo não soube como foi lido com assombro e como actuava no aperfeiçoamento da forma poetica.



REIS DAMASO

Falecido escriptor algarvio, elevado espirito de critico e discipulo dilecto de Tiófilo Braga

Separação Legal

Pois muito bem — Se tu não acreditas que toda a minha vida se resume a ver-te, a admirar-te... Para que assim me fitas com esse olhar de lame, se eu não devo amar-te?

Não devo amar-te, não. Eu dei o coração, e vê; tu só entraste com desprezo! Vamos pois dissolver a sociedade com todo o peso; com toda a rectidão e imparcialidade.

Cada um ficará com o que é seu; e assim pois, Tu com todo o desprezo que é só teu, e eu pelo trabalho da ação, sim, ficarei com todo o coração que tinha sido meu...

MARIO RAMOS.



MARIO RAMOS

Talento disperso de poeta. Promettedora esperanza, que a Morte não deixou converter em realidade poderosa

J. A. REIS DAMASO.

Terra de Promissão



GONÇALVES TORRES
UM DOS MAIS ESFORÇADOS COLABORADORES DO PRESENTE NÚMERO

Algarve. Estamos em Fevereiro de 1830.

A mesa de Deus está posta: toalha alvíssima de amendoeiras em flor, pão fresco de fecunda e vigorosa seiva, vinho generoso do coração ardente de Hypperion.

Scenário lindo: A Natureza perde-se meditativa e faz meditar os homens...

Ainda não se apagaram bem as tintas ideais que se retratam no embalado doce do Atlantico, nem o suspiro nervoso que elle solta

na pulsação altiva e eúrthmica das vagas.

Silêncio! ponde as mãos e oraí...

...Silêncio, não!... porque ainda passam lépidos gorgeios cortando a nortada fria e das hortas verdejantes voam para vós, os sorrisos contentes dos laranja's.

Aquí, o orvalho camarinha as pétalas das flores, além canta um regato, e mais longe ainda, perdida na vastidão irrequieta das aguas, uma vela branca está boiando...

Ponde as mãos em oração...

Um beijo apenas no crucifixo da terra, e podereis esperar o cortejo de almas que se anuncia.

Ei-las que chegam! limpidas, triunfantes — imensa revoada que vem para habitar no coração das coisas...

Ajoelhai!

Almas risonhas, almas pensativas e cheias de Grandeza, onde estais?

O' peitos oprimidos, ermos, cheios do frio dos túmulos e do rumor insólito das tempestades, em que vos sustentdes?

Olhos tragicamente arrancados a êsse carnaval de amôr, na cerração inhóspita da Vida — olhos que vos abristes agora para o mundo e que brilhais de esperança, não sabendo o que é o gotejar amargo duma lágrima, o que sentis?

—Aquí, disseram todos, estamos no cárcere do mundo e também libertos, orando e sorrindo para o Universo; aquí nos sustentmos na curva tranquila e casta, altiva e incompreensível das montanhas; aquí no extase da Beleza, sobre êste cêrro calvo, vamos diluir-nos, abraçar êsse monticulo de casas brancas que além no fundo palpita agora, tocada de misterioso hábito.

Depois, do olhar, do coração e dos lábios divinos da Natureza, brotou um suspiro enorme, inescucível, triunfante... Parecia que o povo humilde, cheio de grandiosa paisagem e do dulçor da humildade, era a morada imensa do Creador, o baluarte augusto da Perfeição.

Parêdes frageis essas, toucadas de pureza, ninhos gloriosos duma promessa ardente que se entrevia.

E dum casebre humilde, o mais humilde, o mais gracioso, o mais ingénio, vinha ascendendo solenemente uma luz extranha, que era sorriso e lágrima e que parecia ser consolo de oprimidos e ensinamento de ignorância...

Era a flor solitária, bela e divina, que se abria, e sôbre aquela terra pequenina e sobre toda a Terra, vinha pender graciosamente sobre o affecto puríssimo das mães, sobre os sorrisos ingénios das creanças — nascia João de Deus!

GONÇALVES TORRES.

O presente numero No Cine-Teatro

O presente numero unico de homenagem ao immortal lirico do *Campo de Flores*, a esse algarvio illustre que em vida se chamou João de Deus, deve inconstavelmente ter algumas deficiencias. Elas serão desculpadas com facilidade por aqueles que conhecem as condições em que este numero foi feito, e as inumeras dificuldades com que tivemos que lutar, desde a greve dos correios que nos atrazou toda a remessa de original e gravuras, até aquelas dificuldades que já são vulgares e comensinhas em manifestações desta ordem. Também a colaboração dos escritores algarvios não foi tam completa como seria para desejar e a figura sacrosanta do Poeta merecia, e isto por circunstancias de toda a ordem, que doloroso se torna agora lembrar. A par porém, da má vontade de alguns, tivemos a mais gentil aquiescencia de quasi todos e algumas dedicações a toda a prova. Entre estas seja-nos licito salientar dois nomes. O de Mário Lyster Franco, distinto escritor e jornalista, que completamente tomou a seu cargo a organização literaria e artistica do presente numero e que se mostrou incansavel para ele revestisse todo o brilho que a João de Deus era devido, e Gonçalves Torres que residindo temporariamente em Messines, terra natal do Poeta, para o presente numero expressamente tirou as vistas da pitoresca aldeia, que artisticamente o ilustram.

Ainda sobre estas, seja-nos licito um pequeno

Tambem no Cine-Teatro Farense, o organisador desta homenagem de colaboração com o importante semanario *Moca*... promove hoje uma recita de homenagem a João de Deus, cujo programa, não podendo ainda ser dado na integra, constará entre outras surpresas, de conferencia, recitação de poesias, exhibição de titas cinematograficas e concerto pela banda de infantaria 4, que para esse efeito, gentilmente nos foi cedida pelo seu illustre comandante sr. Coronel Sande Lemos.

Para que tal homenagem pudesse



DR. PESTANA GIRÃO
— e —
MACHADO VAZ VELHO

Ilustros directores do Cine-Teatro

ser levada a efeito, muito contribuiu o alto criterio dos srs. dr. Pestana Girão, João Machado Vaz Velho e Crispim de Sousa directores daquela importante casa de espectaculos, que gentilmente no-la cederam e que são por isso credores do nosso reconhecimento.

A João de Deus

Que melhor obra fazer?
Primeiro, as flores cantar;
Logo depois, ensinar
As creancinhas a ler...

Casimiro Dantas.

Os versos de João de Deus, belos, todos sentimentalidade, todos lampejos de amor, de uma inspiração genial, são de um lirismo tam puro como a sua alma.

Jacinto Parreira.



CRUZ AZEVEDO

O PROMOTOR DESTA HOMENAGEM A JOÃO DE DEUS, POR QUEM TEM UM FERVOROSO CULTO

esclarecimento. Como muito bem diz o nosso illustre colaborador sr. Pedro Judice, a casa onde foi colocada a lapide e cuja fotografia nós reproduzimos a pag. 9, não é a verdadeira casa onde o poeta nasceu. Ali simplesmente residiu e como tal a oferecemos aos nossos leitores. Bem o sabia Gonçalves Torres que da verdadeira e bem mais humilde casa onde o Poeta nasceu, outra fotografia nos remetera. Mas o homem põe e os correios... dispõem! A carta em

Tambem se tornou muito valiosa a prestante colaboração da officina tipografica *Minerva Commercial, Lim.ª*, de Evora, que constituindo um dos mais importantes estabelecimentos do seu genero, mais uma vez poz á prova os dotes artisticos dos seus empregados. E é tudo. Resta-nos agora, tam somente pedir desculpa, e agradecer a todos, colaboradores e amigos, a coadjuvação que tam gentilmente nos prestaran.